

O Mendigo e a Sociedade

Rio de Janeiro, 07 de julho de 2000.

Sábado de sol. Ipanema, posto 9 ½, praia cheia. Eram 12 horas e trinta de uma belíssima manhã do nosso inverno tropical. As pessoas descontraídas caminhavam, corriam, pedalavam ou conversavam nos quiosques. De repente parei, com minha atenção despertada para uma cena que era vivida na areia, próximo à água.

Na pista duas Kombis da Guarda Municipal haviam há pouco estacionado. De longe, da calçada, pareceu-me a princípio, que os zelosos guardas estavam apreendendo, na areia, mercadorias de um ambulante não autorizado. Mas não.

De repente, os vi trazendo para as Kombis, por mais absurdo que possa parecer, uma poltrona, inteira, apesar de ter sua forração rasgada, uma mala de viagem, uma barraca de praia e outros poucos objetos.

Na areia uma cena insólita. Um mendigo, um homem de cerca de 30 anos, vestido com terno surrado, sujo, barbudo, procurava defender os pertences que ainda lhe restavam.

Os guardas puxavam para um lado, o mendigo para o outro. O homem redobrou seus esforços quando os guardas tentaram tirar dele alguns sacos com suas coisas mais pessoais (ou queridas).

O guardas empolgados jogavam tudo que ainda restava ao homem em um depósito de lixo próximo, inclusive, (incrível para um povo que pouco lê), um livro, talvez uma Bíblia.

Os homens da lei, fortes e bem nutridos, estavam obviamente ganhando a disputa.

Uma jovem na areia, aproxima-se e tenta convencê-los de deixar com aquele homem miserável seus bens pessoais.

Em vão.

Na calçada pessoas paravam, olhavam e comentavam. Em um quiosque um garotão com modernos óculos escuros, verdadeiro estilo pitbull, incentivou: deviam tocar fogo nele, está emporcalhando a praia.

Olhei para ele, assustado com o que ouvia. Seu amigo, talvez constrangido com meu olhar de crítica, talvez porque não fosse boçal como o outro, não abriu a boca.

Outros guardas se juntaram aos primeiros na calçada. Argumentei com um deles que aquilo era uma ação desordenada, que deveria haver uma integração com a Secretaria de Desenvolvimento Social. Logo retrucaram: "O senhor viu o que tinha com ele? Queria morar na praia."

"Sim, eu vi o que ele tinha, realmente ele não pode morar na praia. Mas o homem carregava suas coisas. Não estão dando atenção ao homem."

"Não é nossa função. Temos que limpar a praia. E o senhor acha que assistente social quer vir aqui, num sábado?"

Outro guarda comentava: "Não adianta a Secretaria perguntar se quer ir para um abrigo. Tem roupa, comida, cama e eles não querem ir." Esse quer viver na praia.

Uma menina de 10 ou 11 anos pára e pergunta a um guarda ao meu lado o que houve. "Por que estão tirando as coisas dele?"

Ele não pode ficar na praia com aquilo. É proibido", respondeu o guarda.

Sentindo-me meio responsável pela formação da garota, comentei: "Mas ele não está tendo a atenção de um assistente social da prefeitura. Ele não tem onde morar."

O mendigo conseguira manter com ele dois ou três sacos plásticos cheios, um com latas vazias que ele juntara para a sua sobrevivência.

O vôlei continuava, as pessoas seguiam seu caminho de justo lazer, de um lindo dia de sábado.

O mendigo viu seus pertences serem colocados em uma das Kombis da Guarda Municipal ou dos cestões de lixo. Estava inconformado, mas sem forças. Vinha da areia correndo, aproximava-se dos guardas, não falava, apenas gesticulava. Parava diante dos olhares ameaçadores dos guardas.

Havia um, o mais musculoso, que parecia torcer para ser desacatado, para poder usar sua força e sua autoridade. Em uma cena, digna de um filme de Chaplin, enquanto os guardas entravam nas Kombis, ele se

aproximou.

Imaginei que ele iria esboçar alguma reação, talvez gritar impropérios.

Nada. Ele olhou para as Kombis que se retiravam com seus guardas impávidos e cumpridores de ordens, à janela. E absurdo: com as mãos deu adeus para eles! Patético.

Lamentei que uma câmera sensível não estivesse ali. Talvez as cenas conseguissem convencer a muitos que o ser humano deve ser o alvo de todas as nossas ações. Quem sabe alguns lerão esse artigo e pensarão com respeito naquele homem, miserável, despojado de tudo, que sonhou, mesmo por instantes, morar na praia, junto ao mar de Ipanema.

(Lauro Monteiro Filho - Médico Pediatra/Presidente da ABRAPIA) (recebemos o texto da Carmen)